

desgaste de ideais. Nos individuos, encontram-se todos os graus diversos e as mais diversas apreciações e verdades, pontos de vista donde cada um pretende compreender tudo e julgar do mundo, constituindo-se-lhe o centro. Nesse ambiente, em parte atido ao passado e projetado em parte no futuro, vibram todas as oscilações das afirmações humanas, oscilações que são evolução, normas e imperativos tidos por absolutos e que não passam de aproximações progressivas. A codificação é, pois, sempre, em substancia, uma tendência; as formas mudam e a letra se apresta para morrer, o direito é uma formação continua. O regulamento jurídico das futuras sociedades humanas se baseará em princípios científicos dados pelas grandes leis cósmicas e, no seio daquela ordem suprema, se harmonizará como uma ordem menor, numa admirável compenetração de liberdade e necessidade, de dinamismo individualista e coordenação nos fins coletivos. A sanção suprema não será a pobre reação humana, da qual seja possível fugir, mas a de uma lei sempre presente e ativa, que, nem no tempo, nem no espaço, jamais permite fuga.

LXXXIX — Evolução do egoísmo.

Do mesmo modo que no direito a força evolve para a justiça, também o egoísmo evolve para o altruismo. A proporção que a vida eleva os individuos para especializações cada vez mais altas, reorganiza-os, pelo princípio das unidades coletivas, em unidades sociais cada vez mais complexas e compactas. A diferenciação dos tipos e das aptidões conduziria ao afastamento deles e à desagregação social, se outra necessidade não os aproximasse, se outra força não os reorganizasse em formas de convivencia, onde a atividade de cada um obtem maior rendimento. A evolução opéra então a *demolição progressiva do egoísmo*, como operara a da força, porque necessário se faz um novo instinto coletivo de altruismo, que constitue o precioso cimento que amalgama os impulsos egocentrícos e exclusivistas dos individuos. E na evolução social o egoísmo tem que sofrer profundas transformações. Como todos os impulsos da evolução, ele domina enquanto o progresso o exige; depois, excede-se a si mesmo e se transmuda, em face de um novo progresso. Explica-se assim como no mundo ha podido nascer, de ferozes necessidades, o princípio de altruismo e de bondade, tão mortífero para o eu, tão antivital, em sentido restrito, pois que inicia uma ordem de vida que revoluciona todas as precedentes.

Não basta dizer que ha duas leis sucessivas, faz-se mister dizer que a mais elevada é sempre mais útil do que a menos elevada. A natureza, extremamente económica e conservadora, não opéra ampliações gratuitas e, se as realiza, é tendo em vista utilidades

coletivas e distantes. Nascem assim os altruismos do amor, a abnegação materna, os heroismos em defesa de um povo, de uma idéia, dado que o *altruismo não é senão um egoísmo mais dilatado*, tanto mais amplo quanto mais se hajam ampliado a consciencia individual e o campo que ela abrange. O homem primitivo mais não vê do que o seu pequenino eu e se encerra no momento que passa; não se sente viver nos tempos, na humanidade; na sua miopia psíquica, isola-se do grande bem coletivo, dentro do pequeno bem que lhe é proprio. Acha-se absolutamente inepto para viver num regimen de colaboração, em que a consciencia mais evolvida necessita multiplicar-se.

E essa consciencia coletiva é uma força, a força do homem civilizado. Por isso, o selvagem, se bem que mais forte, isoladamente, e mais guerreiro, lhe é inferior na luta: é que não sabe organizar-se e manter-se organizado em vastas unidades coletivas, que formam a potencia de meios e de resistencias do segundo. Quanto mais evolvido é o homem, tanto mais forte sente a Lei que lhe impõe volver atras e dar-se, para apressar a marcha dos menos adiantados, afim de que a evolução avance compacta.

Vimos ("Desenvolvimento do princípio cinético da Substância") a Lei a guiar a energia, para faze-la dobrar-se sobre a materia, afim de anima-la com o seu impulso e eleva-la ao nível vida; em seguida, impor á vida, filha da energia, a elaboração da materia, até ao psiquismo. Essa mesma lei de coesão, que impõe uma retomada de movimentos inferiores, afim de que revivam em oitavas mais altas, que faz que o alto se dobre para o baixo, afim de que este seja sempre retomado no ciclo evolutivo e nada nunca possa ficar abandonado fóra do circulo e apodrecer no fundo, fóra da grande avançada, essa lei que isso quer é a mesma que impõe ao superhomem (santo, heroi, genio) se sacrifique pelos seus irmãos menores, é o motor do seu instinto irresistivel de altruismo e de martirio. Incompreensíveis dedicações no vosso mundo, onde nenhum esforço se realiza se não é pago, onde manda o mais forte, onde o mal só se evita por temor ao castigo e o egoísmo triunfa: pequeno ambito esse, sem saída para a compreensão da grande Lei. São, entretanto, logicos altruismos esses, verdades simples, forças racionalmente estendidas de um extremo ao outro das fases do vosso universo e do que vos é concebivel.

Paralela á formação e ao desenvolvimento do psiquismo, também se dá a dilatação do egoísmo que, sentindo-se uno com todos, acaba de abraçar a todos no proprio calculo edonístico. E' um aumento de compreensão, até ao amplexo a todas as criaturas irmãs; a amplitude do amplexo indica a da compreensão: processo de auto-eliminação das formas inferiores, como vimos na evolução. Não se trata de um altruismo abstrato, sentimental, sem razão e sem utilidade; mas, de um altruismo sólido e resistente, porque utilitário. A Lei não se manifesta como princípio abstrato, aparece

continuamente como manifestação concreta, personificada nos sérés, que, em suas formas de vida, lhe representam os artigos. O egoísmo é a expressão de uma insuprimível força centralizadora e protetora das individuações. A luta contra tudo o que não é o eu constitue a primeira expressão e a prova da formação de um dado tipo de consciência que, do momento em que se mostra na vida, tem que se defender a si mesma: consciência e egoísmo de indivíduo, de família, de grupo, de povo, de raça, cada vez mais vastos, consciência de uma distinção absoluta entre o eu e o não eu. A dilatação não pode produzir-se, para conservar a estabilidade dos equilíbrios, senão quando se tenha dado a estabilização do tipo de consciência e de egoísmo inferior.

Altruismo, pois, não é renúncia, mas expansão de domínio; não é perda, mas conquista de progresso e de compreensão e ascensão de vida. Achegar a si, como seus semelhantes, um número cada vez maior de sérés é multiplicação de potência, é um encontrar-se a si mesmo, é reviver nesses sérés uma vida centuplicada. Porém, se esses casos máximos de altruismos integrais são patrimônio do superhomem, o homem atual, que raramente sabe estender o seu egoísmo além do círculo familiar, os tomará hoje como casos extremos, dos quais, para aproximar-se, terá de lutar por meio de sucessivas aproximações, ampliando os confins do eu, até abranger um dia a humanidade terrena e as humanidades, que ele virá a conhecer, de todo o universo. Quando o herói morre pela sua nação, o martir pela humanidade; quando o gênio se consome pela ciência, seus egoísmos são tão amplos, que não mais os concebeis. Entretanto, naquele momento, podem eles dizer: sou a nação, sou a humanidade, sou a ciência, pois que suas consciências se acham unificadas com a nação, a humanidade, a ciência.

Também o animal ha percorrido esse caminho e fixado, na fase de assimilação completa dos instintos, esses altruismos, que mais não são do que egoísmos coletivos, porquanto ele ha realizado a sua evolução social em formas mais simples, porém mais evolvidas, na sua simplicidade, e mais estabilizadas. E vos dá exemplo de altruismos que ainda tendes de conquistar. A abelha morre sacrificando-se em defesa do cortejo e não se limita a isso, senão que também recolhe mel com que, depois da sua vida breve, se alimentarão as obreiras irmãs, que ela não conhecerá, que ainda terão de nascer; não sobrevive isolada, mesmo que provida de tudo, porque a virtude de sentir-se célula do organismo coletivo nela se torna instinto e necessidade; morre de fome, afim de deixar todo o seu mel, em caso de penuria, à sua rainha, para que unicamente sobreviva esta, que representa a raça. Altruismos para vós heroicos, na fase das formações coletivas, grandes virtudes que fixam os instintos do futuro; equilíbrios já agora espontâneos, estaveis, porque utilitários, isto é, correspondendo á lei do meio mi-

nimo, instintos assimilados e não mais virtudes (ou seja: fase de formação), nas sociedades animais já constituídas.

Quando a abelha se sacrifica pela sua família, não é a abelha que pratica um ato de altruismo; é a família que, conquistado o instinto do seu mais vasto egoísmo coletivo, egoísticamente lança e sacrifica, pelo seu bem, a célula abelha. O homem considera heróico aquele ato, porque o aplica a si próprio e refere à abelha o conceito de altruismo que, em circunstâncias semelhantes, aplicaria a si mesmo, se de tal modo se comportasse, sem compreender que a sua natureza é completamente diversa e que ele se acha noutra fase. No homem, o instinto coletivo está em formação; na abelha já se fixou, maduro e completo. No homem, aquele ato não é a expressão de uma necessidade, qual a impõe o instinto definitivamente assimilado, visto que nele o instinto está na fase formativa (virtude), em que, como vimos, o ato implica esforço e é sentido na consciência. Se, na abelha, o ato em questão já foi praticado na fase instintiva, subconsciente e espontânea, no homem, seria um ato ocorrido na fase a que ele já chegou, fase inicial de formação, fase heroica, virtuosa, laboriosa, consciente. Também a vós a necessidade do trabalho imporá a colaboração, como uma vantagem; a necessidade da conjugação de fins cada vez mais vastos, irrealizáveis de outro modo, apertará esse amplexo entre as gerações velhas e as novas, que hoje mal se conhecem; um princípio de coordenação política mundial se imporá, como uma grande poupança de energias, que se encaminharão para uma utilidade mais alta, que não a luta reciproca entre povos. Colaboração e supressão da forma cruenta de luta estão no caminho da ascensão social. As vias do utilitarismo convergem para as da evolução moral.

XC — A guerra. — A ética internacional.

Entendemos por guerra a evolução do fenômeno guerra, como momento da evolução da força para a justiça, através do direito, como fase da ascensão coletiva. Já vos disse atrás que, em um mundo que todo ele se arma contra si mesmo, não ha senão uma defesa extrema: o abandono de todas as armas, frase que pode parecer exprima um absurdo e que, portanto, precisa ser explicada. Estabelei, então, o caso máximo de que o homem se acercará por progressivas aproximações. Mas, é mister que o esforço por alcançá-lo se realize, como nas sendas da evolução individual, introduzindo na vida dos povos o máximo de disciplina suportável. Entretanto, nas coletividades menos evolvidas, o uso da força pode ser uma necessidade, sobretudo de defesa, para impedir a explosão do mal. Nos primeiros níveis, as civilizações não podem surgir, senão cercadas por uma barreira de violência, que a proteja da